



LUY, David; LEVERING, Matthew; KALANTZIS, George (orgs.).  
**Evil and Creation: historical and Constructive Essays in Christian Dogmatics.** Bellingham, WA: Lexham Press, 2020. 336 p. (Studies in Historical and Systematic Theology) ISBN 9781683594345.

Glauber Souza Araujo\*

A obra *Evil and Creation: Historical and Constructive Essays in Christian Dogmatics* se originou de uma série de apresentações feitas em um colóquio de primavera do Chicago Theological Initiative, o qual ocorreu no Wheaton College, Illinois, Estados Unidos, em 2018. É editada e organizada pelos teólogos David Luy, professor associado de teologia bíblica e sistemática na Trinity Evangelical Divinity School; Matthew Levering, professor de Teologia no Mundelein Seminary; e George Kalantzis, professor de teologia e diretor do Wheaton Center for Early Christian Studies em Wheaton College.

Contendo 12 capítulos escritos por diversos autores, essa coleção não se apresenta como uma resposta ao problema do mal, mas como um “relato teológico do mal” em relação à doutrina da criação. O livro é dividido em duas partes: a primeira (capítulos 2 a 6), que lida com o tema do mal em fontes cristãs primitivas, e a segunda (capítulos 7 a 12), que lida com discussões contemporâneas acerca do tema.

Após uma breve introdução apresentando o livro, resumindo os assuntos tratados nos diferentes capítulos e justificando a publicação de mais uma obra voltada para a discussão do problema do mal, o leitor é convidado, no capítulo 2 (“Judgment of Evil as the Renewal of Creation”) a estudar certos textos paulinos que tratam da escatologia da criação. Conforme indica o autor Constantine R.

---

Resenha recebida em 06 de maio de 2022 e aprovado em 27 de abril de 2023.

\* Mestre em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. Agências de Fomento: Universidad Adventista del Plata e Casa Publicadora Brasileira. País de origem: Brasil. E-mail: glauberaraujo@yahoo.com.

Campbell, em Paulo existe uma relação estreita entre o destino do ser humano e o destino da criação. Paulo também indica que a nova criação do ser humano (o novo homem), é um prenúncio da nova criação que Deus produzirá. Assim como o ser humano é reconciliado com Deus, a criação será reconciliada com seu Criador. Tanto Isaías 65-66 quanto 2 Pedro 3 e Apocalipse 19-22 apontam para uma transformação da criação, uma erradicação do mal. Em conclusão, a nova criação não representa a aniquilação da ordem antiga, mas sua transformação.

No capítulo 3 (“Qoheleth and his Patristic Sympathizers on Evil and Vanity in Creation”), Paul M. Blowers procura entender como que os lamentos do Qohelet em Eclesiastes foram usados por intérpretes patrísticos, especialmente no que se refere a temas como a providência, o mal e o livre-arbítrio. Como ele indica em seu capítulo, muitos dos pais da igreja viam a Cristo como o verdadeiro autor e pregador do livro de Eclesiastes, levando-os a interpretar o livro de maneira cristológica.

Por sua vez, Paul L. Gavriyuk no capítulo seguinte (“Problem of Evil: Ancient Answers and Modern Discontents”) procura identificar abordagens diferentes ao problema do mal na antiguidade e no presente. Ele apresenta, de maneira generalizada, 6 mudanças na discussão sobre o problema do mal. Suas observações são úteis e fornecem um mapa aproximado das discussões e autores contemporâneos, auxiliando o leitor curioso que está se aventurando no mundo filosófico e teológico voltado ao problema do mal.

No capítulo 5 (“Augustine and the Limits of Evil: From Creation to Christ in the *Enchiridion*”), Han-luen Kantzer Komline discute a compreensão agostiniana sobre o mal a partir da obra *Enchiridion*. São abordados os três tipos de limites epistêmicos apresentados por Agostinho: os limites da habilidade, responsabilidade e hesitação epistêmica. O capítulo também discute os limites ontológicos estabelecidos por Deus ao mal, baseando-se na já conhecida definição agostiniana sobre o mal como a uma defecção do bem (*privatio boni*) e o uso equivocado do livre-arbítrio. Também é mostrado como a obra de Cristo em favor do ser humano está relacionada à resolução do problema do mal.

O pensamento de Agostinho é mais uma vez analisado no capítulo seguinte

(“Augustine on Animal Death”), desta vez por Gavin Ortlund. Agostinho não atribui o mal natural à queda do ser humano, mas como sendo parte do plano original de Deus, como um reflexo da sabedoria e bondade divinas. Aqui, a teodiceia estética de Agostinho se manifesta claramente. Os elementos de mal natural compõem parte do quadro criado por Deus. Para vermos o lado positivo de tudo isso, precisamos ver o todo, e não uma parte, o que Ortlund denomina de “preconceito de perspectiva”. Se não estamos satisfeitos com a maneira como a natureza se comporta, é porque não estamos enxergando o quadro completo. Segundo o teólogo medieval, a morte no reino animal abre caminho para que novas criaturas possam vir à existência. Além do mais, há uma hierarquia de seres. Nem todos seres são bons, alguns são melhores que outros e não há problema nisso.

Michel René Barnes explora, no capítulo 7 (“The Evil We Bury, the Dead We Carry”), diversos temas relacionados ao mal social e emocional. Ele enfatiza a necessidade de lidarmos com a questão do mal não como um problema a ser resolvido, mas reconhecido e vivenciado como um trauma. Para o autor, o mal deve ser abordado como uma experiência fundamental à vivência humana e que deve ser entendida fora das categorias clássicas do pecado e da injustiça. Sendo assim, cada experiência de mal é peculiar e individual. Algumas ideias sobre o sofrimento e sua realidade na experiência familiar são propostas, bem como reflexões a partir do pensamento de Gregório de Nissa e da obra ficcional de Russell Banks *The Sweet Hereafter*.

No capítulo 8 (“Creation and the Problem of Evil after the Apocalyptic Turn”), R. David Nelson fala da importância da literatura apocalíptica para o cristianismo, especialmente em sua fase inicial, e o ressurgimento do interesse apocalíptico nos últimos 100 anos. Ele oferece um mapa das diferentes vertentes teológicas a se interessar pela literatura apocalíptica e dos nomes principais que publicaram sobre o assunto. O capítulo trata dos temas da criação e do problema do mal dentro do novo interesse apocalíptico que se manifestou nos meios acadêmicos nas últimas décadas. Analisando as contribuições de teólogos como Philip Ziegler, J. Louis Martyn e Martinus de Boer, o autor discute como esses temas são tratados na visão apocalíptica encontrada nos escritos paulinos. O

autor mostra que o foco apocalíptico sobre a criação e o mal se dá particularmente dentro do contexto da nova criação.

No capítulo seguinte (“Creation Without Covenant: Providence Without Wisdom”), Kenneth Oakes apresenta reflexões sobre Deus, a criação, a providência e o mal a partir de uma leitura da obra *The Crossing*, de Cormac McCarthy, enfocando quatro encontros que o personagem principal da obra de ficção tem ao longo da narrativa.

Em seguida, no capítulo 10 (“The Appearance of Reckless Divine Cruelty: Animal Pain and the Problem of Other Minds”), Marc Cortez aborda a questão do sofrimento de animais e de sua capacidade de sentir dor. Ele apresenta o problema do sofrimento animal, especialmente sob a luz do evolucionismo e do sofrimento de animais por milhões de anos, e analisa quatro argumentos que negam a capacidade de animais de sentirem dor e sofrer. Por fim, o autor aborda a questão de outras mentes e as implicações que isso tem para nossa compreensão do sofrimento humano.

No penúltimo capítulo (“Recent Evolutionary Theory and the Possibility of the Fall”), Daniel W. Houck avalia a doutrina clássica da queda para o pecado e sua rejeição diante do surgimento da teoria da evolução. Analisando o conceito da seleção natural e o legado deixado por milênios de evolução, o autor indica os conflitos que brotam de uma comparação com a doutrina cristã da queda e propõe a teologia de Tomás de Aquino como um caminho para uma harmonização entre ambos os lados.

Por fim, no capítulo 12 (“Intellectual Disability and the Sabbath Structure of the Human Person”), Jared Ortiz procura entender a distinção filosófica entre o ser humano e sua natureza a fim de defender a dignidade de pessoas intelectualmente deficientes. Para isso, o autor procura se aprofundar na estrutura sabática do ser humano.

Em conclusão, acreditamos que uma obra como esta certamente apresenta elementos positivos e questões que poderiam ser melhoradas. A ampla gama de temas abordados ajuda o leitor interessado a perceber as implicações que o

problema do mal pode ter sobre diferentes aspectos da existência e da vida. Como bem indicado pelos autores, o problema do mal não é um assunto que atinge unicamente a espécie humana, mas afeta toda a criação, e requer uma solução que também beneficie a todos os seres vivos. Por outro lado, a organização desta obra em capítulos variados com pensamentos variados (e até divergentes) pode frustrar aqueles leitores que estejam interessados em uma discussão com horizontes mais limitados, mas com uma reflexão mais aprofundada. Certos capítulos se aproximam mais do eixo norteador proposto pelos organizadores da obra, enquanto outros o mencionam apenas tangencialmente. A leitura de uma obra como esta certamente difere de quando se lê a obra de um único autor que revela todos os labirintos de seu pensamento e se demora em certos problemas que surgem ao longo de sua reflexão. De qualquer forma, esse livro é uma ótima opção para aqueles que desejam conhecer melhor o universo de pensamentos diferentes que existem sobre o problema do mal na criação.